

Trabalho imaterial e a economia da informação: resposta a Kaan Kangal¹

Sean Sayers*

Não tenho certeza se o texto de Kaan Kangal (2016) tem o objetivo de me elogiar ou criticar. Ele vê, corretamente, que minha crítica é direcionada a escritores recentes que estão tentando descartar o conceito de trabalho de Marx, julgando-o ultrapassado. O autor me elogia por isso, e sustenta que meus argumentos podem ser aplicados a trabalhos mais recentes nessa área (130). No entanto, ele argumenta que há três problemas com meus argumentos (124).

Primeiro, ele diz que minha posição sobre o trabalho imaterial é “ambígua” e que “oscilo entre refutar e apropriar o termo” (130). Eu não acho que isso seja verdade. Critico Hardt e Negri e outros escritores recentes que argumentaram que o trabalho na sociedade “pós-industrial” tem um caráter “imaterial” e que o conceito de trabalho de Marx não se aplica a ele. É um erro pensar que a ideia de trabalho de Marx se aplica apenas ao trabalho industrial ou artesanal. Como mostro, aplica-se também ao que Hardt e Negri chamam de trabalho “afetivo” (serviço, cuidado) e “simbólico” (produção informacional, cultural etc.). Embora essas formas de trabalho envolvam um aspecto imaterial, tanto em seus processos quanto em seus resultados, isso não justifica a crítica de Kangal de que eu “readoto a noção de trabalho imaterial” (127), pelo menos não no sentido em que escritores como Hardt e Negri adotam para criticar e rejeitar o conceito de trabalho de Marx.

A segunda crítica de Kangal é que eu “ignoro passagens nas obras econômicas de Marx” que são “decisivas” contra minhas opiniões sobre trabalho imaterial (ibid.). A primeira parte desta crítica está correta: eu ignorei passagens importantes onde Marx discute o trabalho imaterial. No entanto, eles estão no contexto da discussão de Marx sobre o conceito de trabalho produtivo na economia clássica e não são relevantes para minhas críticas aos usos contemporâneos da noção de trabalho imaterial.

¹ Texto publicado originalmente em inglês no periódico *Science & Society*, v. 81, n. 1, p. 133-136 jan. 2017. Traduzido para o português do Brasil por Vinícius Oliveira Santos.

* Professor Emérito de Filosofia na Universidade de Kent. Autor de diversos livros no campo do marxismo, entre os quais destacamos: *Marx and Alienation: Essays on Hegelian Themes* (2011); *Marxism and Human Nature* (Routledge, 1998); *Hegel, Marx and Dialectic: A Debate* (coautoria de Richard Norman 1980).

Kangal utilmente chama a atenção para o fato de que Marx estava perfeitamente ciente das muitas formas do que Hardt e Negri chamam de “trabalho imaterial” que existia em seu tempo. Ele os discute sob os títulos de “trabalho não material” ou “espiritual” (MARX, 1963, 410-411). Nas *Teorias da mais-valia* há ampla discussão sobre os dois principais tipos de trabalho imaterial distinguidos por Hardt e Negri: trabalho afetivo, como o de professores, médicos, padres; e o trabalho simbólico, como o de escritores, artistas, oradores e atores (ibid., 399-411).

O contexto da discussão de Marx é a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo no sentido específico e peculiar dado a esses termos na economia política clássica. Isso se refere apenas ao caráter econômico do produto e às relações econômicas nas quais o trabalho ocorre. Não tem relação com o produto real – material ou imaterial – criado.

Segundo Marx, a produtividade do trabalho é concebida na economia clássica “do ponto de vista do capitalista, não do ponto de vista do trabalhador” (MARX, 1963, 158). Assim, como diz Kangal, o trabalho é descrito como “produtivo” apenas quando “é contratado diretamente pelo capital para produzir mais-valia” (129); é “improdutivo” quando é trocado “diretamente por renda” (MARX, 1963, 157). Isso significa que as preocupações de Marx não têm nada a ver com o fato do processo ou o produto do trabalho ser material ou imaterial: exatamente a mesma atividade física pode ser produtiva em uma situação e não em outra:

A designação do trabalho como trabalho produtivo nada tem a ver com o conteúdo determinado do trabalho. [...] O mesmo tipo de trabalho pode ser produtivo ou improdutivo [...] Milton produziu *Paradise Lost* pela mesma razão que um bicho-da-seda produz seda. Era uma atividade de sua natureza. Mais tarde, ele vendeu o produto por £ 5. Mas o proletário literário de Leipzig, que fabrica livros [...] sob a direção de seu editor, é um trabalhador produtivo; pois seu produto é desde o início subsumido ao capital, e surge apenas com o propósito de aumentar esse capital (MARX, 1963, 401).

Marx também distingue o trabalho imaterial que resulta em um produto material, como um livro ou uma pintura, de formas que não o fazem, como o trabalho de cantores, médicos, advogados, professores etc. (MARX, 1963, 410-411, 405). Mais uma vez, o contexto é uma discussão dos conceitos de trabalho produtivo e improdutivo na economia clássica².

² Como Kangal continua a dizer, o valor é outro produto “imaterial” do trabalho. Ele me critica por não “reconhecer a distinção entre produção como criação de um produto e produção como produção de

O que isso mostra claramente é que Marx estava bem ciente dessas formas “imateriais” de trabalho; que ele não os considera como um problema para seu conceito de trabalho; e que sua discussão sobre eles em *Teorias da mais-valia* não é relevante para meus argumentos com escritores como Hardt e Negri.

O terceiro ponto de Kangal é que meu relato do trabalho imaterial “não se aplica totalmente aos debates recentes sobre trabalho imaterial na economia da informação” (124). Aqui ele não está tanto criticando minha posição quanto argumentando que ela pode ser estendida para abranger novas formas de trabalho pós-industrial e os recentes trabalhos sobre tais conceitos como os dos escritores Terranova e Fuchs (130). Este é um acréscimo útil ao meu argumento e eu o congratulo.

O objetivo principal do meu artigo foi explicar o conceito de trabalho de Marx e mostrar que ele não é refutado pelo advento das formas pós-industriais de trabalho. No entanto, não desejo descartar as questões levantadas pela discussão contemporânea sobre eles. Lazzarato, Hardt e Negri, e os escritores mais recentes que Kangal cita (Terranova, Fuchs), estão todos respondendo a mudanças sociais e econômicas reais no caráter do trabalho. Embora algumas formas particulares sejam claramente novas (trabalho envolvendo computadores, por exemplo), o trabalho imaterial não é um fenômeno novo. Como mostram as passagens mencionadas por Kangal, ela existia no tempo de Marx e muito antes. O que é novo é a extensão tal trabalho no mundo moderno. O trabalho de serviço, o trabalho de escritório e o trabalho no setor de informação têm aumentado rapidamente, enquanto o trabalho na manufatura e na agricultura se encontra em declínio constante. São mudanças reais, ainda que não justifiquem o rótulo “pós-industrial”.

Além disso, muito do trabalho que era feito no passado de forma informal agora está sendo feito cada vez mais por “profissionais” pagos: serviços, cuidados, limpeza doméstica, cozinhar refeições, etc. Desenvolvimentos semelhantes estão ocorrendo no âmbito do que Kangal, seguindo Terranova, chama “trabalho digital” na economia informacional. “Enquanto os usuários da internet navegam na internet, eles indiretamente trabalham de graça” para empresas de internet. “Os usuários da internet contribuem para a criação de dados de usuários que são processados e vendidos para empresas de publicidade [...] essa geração de dados digitais é algum tipo de trabalho não remunerado e infinitamente explorado” (129).

Desta forma, os usuários da web estão criando valor. Em termos econômicos, seu trabalho é “improdutivo”, embora seja usado e explorado com fins lucrativos. Se eles

valor” (130). Novamente, isso é irrelevante para o conceito de trabalho imaterial como Hardt e Negri o estão usando, então não vou discuti-lo aqui.

estivessem fazendo esse trabalho para uma empresa como trabalho assalariado, esse trabalho seria “produtivo”. No entanto, esta atividade está cada vez mais sendo trazida para a rede do trabalho assalariado e submetido ao que Gorz (1989) chama de “racionalidade econômica”.

Estas são algumas das mudanças reais que esses escritores estão descrevendo. Eles respondem a tais transformações de maneiras diferentes. Muitos, como Gorz, as rejeitam e querem preservar uma esfera de trabalho não assalariado (SAYERS, 1998). No entanto, os conceitos de trabalho “material” e “imaterial” não são satisfatórios, nem para compreender esses desenvolvimentos, nem para pensar como responder a eles. As teorias de Marx ainda são válidas e mais úteis para esses propósitos.